



## DA *AUTODIDAXIA* ENQUANTO PRESSUPOSTO METODOLÓGICO PARA A *AUTÁRKEIA*

Marcos Adriano Zmijewski  
Universidade Estadual do Paraná

Talvez o feito mais polêmico (e, por assim dizer, interessante) de Epicuro foi a sua afirmação de não ter tido mestres. De acordo com Apolodoro (o registro está presente na sua *Crônica*), o filósofo Epicuro teria afirmado a sua condição de autodidata em uma epístola destinada a Euríloco<sup>2</sup>. Outros dois testemunhos, de Cícero (em *De natura deorum*, I, XXVI) e de Sexto Empírico (em *Adversus Mathematicos*, I, 2)<sup>3</sup>, confirmam a *autodidaxia* de Epicuro, não restando dúvidas sobre a veracidade do registro de Apolodoro – conservado e citado por Diógenes Laércio. A primeira e principal dificuldade, a qual, inclusive, promoveu uns quantos mal-entendidos já na antiguidade (sobretudo pela crítica das escolas rivais), é que tal afirmação não pode ser interpretada literalmente. A questão, que de saída pode parecer simples, é demasiadamente complexa e deve ser analisada dentro da arquitetônica filosófica epicurista, visto que o sentido da *autodidaxia* de Epicuro está diretamente vinculado a outros princípios da doutrina<sup>4</sup> e, por consequência, ao modo segundo o qual Epicuro concebeu o exercício filosófico.

É lugar comum encontrar acusações que tendem a fazer de Epicuro, em razão da sua *autodidaxia* (mas não somente), um *iletrado* e um *ignorante*. Os principais responsáveis por atacar Epicuro foram os membros das escolas rivais, especialmente os estoicos – e, posteriormente, ainda no mundo antigo, os cristãos. Relativo aos ataques, o filósofo Hegel (1770-1831), embora se aproxime da tradição que tende a desqualificar a obra e os feitos de

---

<sup>2</sup> LAËRTIOS, 2008, X, 13.

<sup>3</sup> Ambas as referências foram extraídas de SPINELLI, Miguel. Sobre a *autodidaxia* e a *autárkeia* de Epicuro. *Revista Archaí*, Brasília, n. 02, pp. 169–182, Jan 2009, p. 169-170.

<sup>4</sup> Michael Erller, por exemplo, vai defender que a afirmação de ser um autodidata se ajusta bem à epistemologia geral de Epicuro e à sua tese do imediatismo do conhecimento resultante da percepção sensorial (ERLER, 2011, p. 14).



Epicuro (considerando que o filósofo alemão dirigiu duras críticas à filosofia de Epicuro), registrou o seguinte e sugestivo comentário: “Seus oponentes, principalmente os estoicos, espalharam uma série interminável de histórias malignas e anedotas mesquinhas sobre ele, todas elas inventadas”<sup>5</sup>. Supomos que especialmente duas atitudes de Epicuro foram vistas com desdém pelos seus opositores, rendendo-lhe (injustamente, segundo nossa compreensão) o adjetivo de *ignorante*: i) o fato de Epicuro não sobrelevar e não citar<sup>6</sup> em suas obras os textos clássicos (sejam eles de filósofos como Platão e Aristóteles, ou mesmo as epopeias de Homero e Hesíodo, estes últimos que cumpriam um papel fundamental no ciclo de escolaridade básica dos gregos – na chamada *egkýklios paideía*); ii) o não reconhecimento da *dialética* (importante e tradicional instrumento para a educação do pensar na Grécia do período de Epicuro) como ferramenta para a construção e aquisição de conhecimento, a qual não comparece em sua canônica. Segundo Diógenes Laércio “os epicuristas rejeitam a dialética como supérflua, porque os físicos devem limitar-se a usar os termos naturais para significar as coisas”<sup>7</sup>.

Especificamente acerca da alcunha de *iletrado*, ela tem pelo menos dois significados:

Primeiro, decorrente do fato de Epicuro não sobrevalorizar o *saber da ciência* em detrimento do *saber viver*. O apropriar-se de máximas e de instruções práticas para o bem viver, ele o sobrepõe aos princípios e instruções da ciência; segundo, decorrente do estigma próprio da época, pelo qual *ser educado* ou *ser filósofo* requeria necessariamente ter um mestre, ou seja, colocar-se sob as “asas” da autoridade filosófica de alguém<sup>8</sup>.

Acerca do primeiro significado, sabemos que o saber viver era tido, por Epicuro, como mais importante que o filosofar, por isso a primazia da sabedoria prática (da *phrónesis*) diante da filosofia. Quanto ao segundo significado, o *status* de filósofo e a sua autoridade, desde a tradição pré-socrática, decorriam do pertencimento ou identificação a uma linhagem filosófica. O *ser filósofo*, portanto, estava condicionado a duas exigências: i) ter frequentado as

<sup>5</sup> HEGEL, 1985, p. 375-376.

<sup>6</sup> Sendo Epicuro um extraordinário polígrafo, superando a todos os seus antecessores no número de obras (que totalizam cerca de trezentos volumes, segundo Diógenes Laércio, os quais não sobreviveram, infelizmente, à ação do tempo), causava incômodo não haver, em suas obras, citações de outros autores; as obras constituíam-se apenas em palavras do próprio Epicuro (LAËRTIOS, 2008, X, 26).

<sup>7</sup> LAËRTIOS, 2008, X, 31.

<sup>8</sup> SPINELLI, 2009, p. 72.



grandes instituições de ensino; ii) ter sido discípulo de um renomado filósofo. Daí que Epicuro foi tido como *iletrado*:

Por, primeiro, ter sido um colono, ou seja, localizar-se bem distante do habitual, do filósofo descendente da aristocracia e da elite filosófica; segundo, por justamente não ter sido aluno nem de um grande mestre (que o associasse a um importante *escol* ou linhagem filosófica), nem de uma grande instituição sobressalente da época, quer da Academia (apesar de alguns discípulos insistirem que, na *lexiarchón*, fora aluno de Xenócrates – o que é improvável), quer do Liceu<sup>9</sup>.

Percebe-se, portanto, que tudo na vida e nas escolhas de Epicuro confluíram para que ele não se tornasse um filósofo tradicional (à maneira, se assim o quisermos, dos filósofos clássicos) e a sua *autodidaxia*, em certo sentido, contribuiu significativamente e sugestivamente para isso.

Ao mesmo tempo em que Epicuro procurou fazer-se filósofo ao seu modo, ele reivindicou, com a sua *autodidaxia*, originalidade. O inusitado decorre do fato de que a crítica antiga do epicurismo viu neste desejo uma espécie de paradoxo, como adverte Michael Erler<sup>10</sup>, o qual possui duas faces: a) se, por um lado, Epicuro quis de fato reivindicar originalidade com sua *autodidaxia*, de outro, vemos na tradição que o sucedeu (nos discípulos tardios) precisamente o contrário, isto é, a completa ausência de um avanço no sentido de desenvolvimento das principais teses da doutrina (como, por exemplo, aconteceu com o estoicismo, doutrina que foi continuamente revisada e ampliada pela tradição de discípulos, sendo as contribuições de Crisipo de Solos [279-206 a.C.], possivelmente, as mais expressivas – as quais se deram sobretudo no campo da lógica); b) “muitos comentaristas, antigos e modernos, acharam particularmente difícil conciliar a afirmação de Epicuro de ser um autodidata com seu profundo conhecimento das doutrinas de seus predecessores filosóficos”<sup>11</sup>. De fato, se comparado com o estoicismo, poucas foram as reformas que a doutrina epicurista sofreu com a tradição de sucessores, mas disso não se segue que elas não existiram; agora, não é incompatível tampouco contraditório o conhecimento de outras

<sup>9</sup> SPINELLI, 2009, p. 73.

<sup>10</sup> ERLER, 2011, p. 9.

<sup>11</sup> ERLER, 2011, p. 15.



doutrinas com o ser autodidata, uma vez que o que mais importa é a maneira de portar-se e localizar-se perante à tradição do saber.

Para, então, compreendermos efetivamente o significado que a *autodidaxia* assume no projeto filosófico de Epicuro devemos entender o porquê de ela não poder ser interpretada literalmente. Do fato de supostamente ter afirmado na epístola a Euríloco (conforme registro de Apolodoro) a sua condição de autodidata, não se segue que Epicuro não ouviu ou não acompanhou as preleções de outros mestres. Diógenes Laércio, valendo-se da *Crônica* de Apolodoro, menciona que Epicuro estudou filosofia com Nausífanos de Teos (com quem, sabemos, aprendeu a doutrina de Demócrito, permanecendo dos quatorze aos dezessete anos em Teos) e Praxífanos de Mitilene. Da mesma forma, consta na doxografia que, aos doze anos, ele ouviu as preleções do platônico Pânfilo de Samos, este que foi, ao que parece, o seu primeiro professor de filosofia. É bem provável que ele também tenha ouvido (acompanhado) as preleções de outros mestres durante a sua vida, dos quais sequer sabemos os nomes. A questão que mais importa não diz respeito ao fato de Epicuro ter ou não assistido as preleções de outros mestres. São, com efeito, e como aponta judiciosamente Miguel Spinelli, duas coisas bastante distintas: “uma, ouvir os ensinamentos de alguém; outra, seguir ou adotar tais ensinamentos como sendo seus – e aí está o sentido de *mestre*: aquele cujo ensinamento é acolhido em confiança”<sup>12</sup>. Epicuro, e nisto não há margem para dúvidas, de fato ouviu e acompanhou os ensinamentos de outros mestres, a começar, inclusive, por àqueles oferecidos por seu pai, que era um mestre-escola, professor dos filhos dos colonos em Samos. Entretanto, Epicuro optou (e neste comportamento reside o verdadeiro sentido da sua *autodidaxia*) por não fazer dos ensinamentos dos seus mestres os seus, isto é, Epicuro não fez das verdades de outros mestres as suas – não, ao menos, sem colocá-las primeiro em crise, isto é, submetê-las a um exame crítico da inteligência. Do mesmo modo, negando a maestria daqueles que ouviu as preleções, Epicuro, afirmando a sua *autodidaxia*, quis não se vincular (como integrante, representante ou continuador) a nenhuma linhagem filosófica.

---

<sup>12</sup> SPINELLI, 2009, p. 71.



Um outro significado que a *autodidaxia* de Epicuro comporta é que, ao se professar autodidata, ele certamente quis, como sugere Michael Erler, “se posicionar em um debate que se desenrolou durante o período helenístico não apenas na filosofia, mas também na literatura em geral, sobre a postura adequada em relação a uma tradição antecedente que às vezes pode parecer sufocante e até motivo de desânimo”<sup>13</sup>. Não restam dúvidas que Epicuro de fato se portou desta maneira frente à tradição, e a sua doutrina, em todas e em cada uma das linhas e pressupostos, é expressão deste interesse. É verdade, no entanto, que algumas escolas adotaram a estratégia contrária, aceitando e reafirmando a autoridade de seus predecessores, ainda que com vistas à realização de seus próprios fins, tal como fizeram os estoicos em relação às concepções socrático-platônicas. Não significa, contudo, que ao estabelecer uma relação de conflito com a tradição dada Epicuro quis anular toda a produção filosófica que o precedeu, visto que, na realidade, ele foi um grande admirador dela, a ponto de, inclusive, ter chamado Platão de “homem de ouro”<sup>14</sup>. Seu objetivo residiu, portanto, em torno do desejo de delimitar-se a partir dessa tradição, situando-se no confronto dos demais filósofos – isto é, dos seus sistemas.

Quando, então, Epicuro se esforça em combater Nausífanos, ele o faz em virtude de o próprio Nausífanos ter se proclamado o seu mestre<sup>15</sup>, feito com o qual Epicuro não concordava. O que está em jogo, aqui, é propriamente o significado de mestre. Para ser filósofo, era (e ainda, supomos, é!) preciso não renunciar ou anular a si mesmo perante um mestre ou uma linhagem filosófica<sup>16</sup>. Ora, Nausífanos foi um filósofo cético e, apesar de ter se aproximado conceitualmente de Demócrito, foi um “defensor da ideia de uma ciência universal fundada nas matemáticas e na retórica, com fins políticos, mais precisamente como modo de *convencer* o povo a admitir as verdades da ciência”<sup>17</sup>, posicionamentos incompatíveis

<sup>13</sup> ERLER, 2011, p. 11.

<sup>14</sup> LAËRTIOS, 2008, X, 8.

<sup>15</sup> Nas palavras de Diógenes Laércio: “Isso o transtornou a tal ponto que ele me injuriou e se proclamou o meu mestre” (LAËRTIOS, 2008, X, 8).

<sup>16</sup> Em nosso tempo, o mundo acadêmico é, em larga medida, esterilizador! Ele exige, enquanto método, que renunciemos a nós mesmos em nome de uma tradição de estudos, de uma obra, de uma interpretação canônica, de um mestre.

<sup>17</sup> SPINELLI, 2009, p. 77.



com o pensamento de Epicuro e, portanto, com os quais ele não concordava, daí a sua insistência em rejeitar sumariamente a maestria de Nausífanés. Sabemos, também, que Epicuro se posicionou impetuosamente contra o ceticismo, sobretudo por essa doutrina desconfiar dos sentidos e da razão, e o fez na medida em que reconheceu a primazia dos testemunhos dos nossos sentidos na aquisição de conhecimento – as sensações (*aistheseis*) figuram como primeiro critério de certificação da realidade, não sobrando espaço para o ceticismo. Igualmente, é de nosso conhecimento que Epicuro não queria que o povo fosse apenas convencido ou forçado (nos tempos de uma imposição) a admitir as verdades da ciência. Ele desejava, antes, que os indivíduos fossem prudentemente e filosoficamente educados, com o que entendia a instrução que proporcionava o viver sereno e prazeroso. Daí que, frente a tudo isso, só restou a Epicuro uma alternativa: a negação da maestria de Nausífanés.

Combatendo Nausífanés (e também no confronto com os demais mestres), Epicuro procurou se fazer, enquanto filósofo, por si mesmo, ao modo de quem pretendeu reivindicar originalidade e autoridade de pensamento. Ao proceder assim, ele demonstrou o vigor e a sagacidade da sua inteligência. É, com efeito, justamente a partir do “fazer-se filósofo por si mesmo” que supomos haver um estreitamento da relação entre a *autodidaxia* e a *autárkeia*. A originalidade do filosofar reivindicada por Epicuro a partir da sua *autodidaxia* está diretamente vinculada à principal máxima orientadora do filosofar grego desde os tempos de Tales (e que ganhou expressividade com Sócrates, a partir do itinerário iniciado com a pergunta feita por seu amigo Querofonte à Pitonisa, no Oráculo de Delfos): “conhece-te a ti mesmo”. Epicuro, assim como Sócrates, reconheceu se tratar de uma tarefa para a qual não há mestres, razão pela qual deve despertar no indivíduo um compromisso para consigo mesmo. Ora, segundo Epicuro, ninguém se conhece a partir do outro, daí que, como supôs Miguel Spinelli, a *autárkeia* (o bastar-se a si mesmo, ou seja, o ser autossuficiente) de Epicuro “diz respeito à condição do próprio sábio em sua *autodidaxia*: ao processo mediante o qual ele edifica o seu saber”<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> SPINELLI, 2009, p. 81.



Resulta que, de maneira semelhante ao que fez Heráclito<sup>19</sup>, Epicuro igualmente procurou: i) investigar a si mesmo, por e perante si mesmo; e ii) pesquisar e conhecer tudo por si mesmo. A partir de tais atitudes, constata-se a associação entre *autodidaxia* e *autárkeia*. À luz do pensamento de Hecateu, para quem a autossuficiência devia ser a finalidade da filosofia, Epicuro quis que todos fossem o que efetivamente são, se autoconhecendo e encontrando satisfação na própria natureza do humano. Se, à guisa de conclusão, a *eleutheria* (a liberdade) é o maior fruto do ser *autárkes*, a sua exigência, em termos metodológicos, vem a ser a *autodidaxia*, visto que, na tarefa de se autoconhecer (a fim de bastar-se a si mesmo), não há outro caminho senão fazer-se mestre de si mesmo.

## Referências

- DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- EPICURO. *Lettres et Maximes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.
- EPICURO. *Carta a Meneceu*. São Paulo: Unesp, 2002.
- EPICURO. *Máximas Principais*. São Paulo: Loyola, 2013.
- EPICURO. *Sentenças Vaticanas*. São Paulo: Loyola, 2014.
- ERLER, Michael. Autodidact and student: on the relationship of authority and autonomy in Epicurus and the Epicurean tradition. In: FISH, Jeffrey.; SANDERS, Kirk. *Epicurus and Epicurean tradition*. New York: Cambridge University Press, 2011.
- HEGEL, George Wilhelm Friedrich. *Lecciones sobre la Historia de la Filosofia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.
- HERÁCLITO. *Fragmentos contextualizados*. São Paulo: Odysseus Editora, 2012.
- SPINELLI, M. *Os Caminhos de Epicuro*. São Paulo: Loyola, 2009.
- SPINELLI, M. *Epicuro e as bases do epicurismo*. São Paulo: Paulus, 2013.

---

<sup>19</sup> Plutarco, em *Contra Colotes*, fez constar as seguintes palavras: Heráclito, como se grandioso e sublime empreendimento, afirma ‘eu busco a mim mesmo’ (HERÁCLITO, 2012, p. 121). Este é o conteúdo do fragmento 101. Consultamos a tradução comentada dos fragmentos de Heráclito de Alexandre Costa, publicada pela editora Odysseus. Heráclito não foi discípulo de ninguém, e declarava que investigara e aprendera tudo por si mesmo, fixou Diógenes Laércio (LAÉRTIOS, 2008, IX, 5). Trata-se de um pressuposto (da autoeducação) que também pode ser encontrado na poesia, por exemplo, em Hesíodo, para quem “o melhor homem é aquele que pensa em tudo sozinho” (ERLER, 2011, p. 12). Sendo Epicuro alguém que certamente teve acesso ao pensamento de Heráclito (através do que, em seu tempo, estava disponível), é provável que tenha encontrado nele uma fonte inspiradora para a concepção e defesa da sua *autodidaxia*.